

## **POPULISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO:**

### **Uma Análise de Discursos de Lula e de Bolsonaro**

## **POPULISM IN CONTEMPORARY BRASIL:**

### **A Discourse Analizes of Lula's and Bolsonaro's speeches<sup>1</sup>**

Cristiane Brum Bernardes<sup>2</sup> e Caio Carvalho Correia Barros<sup>3</sup>

**Resumo:** Busca-se analisar a re-emergência de discursos populistas no Brasil contemporâneo. Assim, serão analisados trechos de dois pronunciamentos realizados por dois líderes políticos: 1) o discurso de Luís Inácio Lula da Silva no dia de sua prisão, em 7 de abril de 2018; e 2) o discurso de lançamento da candidatura de Jair Messias Bolsonaro à presidência da República, em 22 de julho de 2018. O plano de leitura dos pronunciamentos será centrado em elementos textuais considerados populistas. Dessa forma, inicialmente o conceito de populismo será analisado sob diferentes dimensões teóricas, quais sejam, a dimensão que encara o fenômeno populista como sendo uma ideologia (Mudde, 2017) e a dimensão que enxerga no populismo uma estratégia discursiva (Laclau, 2013). Com a designação de elementos textuais que podem ser considerados “populistas”, verificaremos o modo como a linguagem populista se manifesta no discurso político contemporâneo brasileiro. Além disso, o artigo menciona brevemente casos de manifestações populistas no mundo contemporâneo e, de forma mais pormenorizada, analisa a conjuntura política, econômica e social do Brasil para relacionar a crise recente à linguagem política de atores políticos populares.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho GT1 - Comunicação e democracia do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), de 15 a 17 de maio de 2019.

<sup>2</sup> Doutora em Ciência Política (IESP/UERJ). Docente e Pesquisadora do CEFOR/Câmara dos Deputados. [cristiane.bernardes@camara.leg.br](mailto:cristiane.bernardes@camara.leg.br). Mestrado Profissional em Poder Legislativo (CEFOR/Câmara dos Deputados).

<sup>3</sup> Mestrando em Poder Legislativo (CEFOR/Câmara dos Deputados). [caiobarros1@gmail.com](mailto:caiobarros1@gmail.com).

**Palavras-Chave:** Populismo; Discurso Populista; Brasil.

**Abstract:** *This paper seeks to verify the emergence of populist discourses in contemporary Brazil. Thus, parts of two statements made by two political leaders will be analyzed: 1) the speech of Luís Inácio Lula da Silva on the day of his arrest, on April 7, 2018; and 2) the launch speech of the candidate Jair Messias Bolsonaro to the presidency of the Republic, on July 22, 2018. The read plan will be centered on textual elements considered populist. Thus, initially the concept of populism will be analyzed under different theoretical dimensions, that is, the dimension that sees the populist phenomenon as an ideology (Mudde, 2017) and the dimension that sees in populism a discursive strategy (Laclau, 2013). With the designation of textual elements that can be considered as "populist", we will verify the way in which populist language is manifested in political discourse. In addition, the article briefly mentions cases of populism around the world and, in more detail, analyzes the political, economic and social conjuncture of Brazil to relate the recent crisis to the political language of popular political actors.*

**Keywords:** Populism; Populist speech; Brazil.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscamos responder à seguinte questão: de que forma o fenômeno populista está re-emergindo<sup>4</sup> no Brasil do século XXI? Antes de iniciar a busca por respostas, é preciso esclarecer a perspectiva metodológica que aqui se adota. Isso porque a eventual re-emergência do populismo no Brasil pode, em tese, ser aferida de diversas maneiras. Escolhemos a Análise de Discurso para captar a forma como a manifestação populista opera por meio da linguagem. Assim, inicialmente será necessário compreender o que se quer dizer com "discurso populista". Busca-se um plano de leitura qualitativa particular dos pronunciamentos, centrados na identificação de "elementos populistas" nos textos. Contudo, para poder identificar a presença do fenômeno populista em pronunciamentos políticos, será preciso definir a compreensão teórica dele que utilizamos neste artigo.

É o que faremos na primeira seção. Assim, buscaremos compreender o conceito sob a ótica da ideologia, proposta teórica de Cas Mudde, e também sob a

---

<sup>4</sup> Cas Mudde (2017) assevera que a primeira onda populista na América Latina se deu com a crise de 1929 e durou até o fim dos anos 1960. Perón na Argentina, Vargas no Brasil e Ibarra no Equador seriam os exemplos mais notórios. Tais líderes mobilizaram setores excluídos e colocavam como a "elite corrupta" os oligarcas em aliança com as forças imperialistas. Já a segunda onda, segundo o autor, se deu nos anos 90, pós crise dos anos 80, tendo como expoentes Collor, Menem e Fujimori, colocavam como "inimigos da pátria" a classe política e o estado, adotando ideias neoliberais. A terceira onda, por sua vez, se dá com a ascensão de Chávez, Morales, Correa a partir de 1998, com discursos anti-imperialistas, em resposta aos anos de hegemonia neoliberal.

ótica do discurso, na qual o populismo é visto como a própria forma de constituição do social por meio de práticas articulatórias, proposta teórica de Laclau. Também abordamos algumas ideias contemporâneas sobre a disputa política, especificamente a questão do surgimento das “guerras culturais” (HUNTER, 1991), em estreita relação com a compreensão de que não há mais política sem hegemonia (LACLAU & MOUFFE, 2015), isto é, sem a luta simbólica pelas definições de mundo.

Na segunda seção, procederemos com uma breve análise do espriamento mundial do fenômeno e realizaremos uma análise de conjuntura da persistente crise brasileira. Isso será necessário para evidenciar a relação entre linguagem e prática social presente nos textos. Assim, tendo percorrido diferentes teorias acerca do conceito, estabelecido os elementos que devem estar presentes em um discurso para este ser considerado populista, e examinado a conjuntura nacional e mundial que alçam o populismo novamente a estratégia política relevante, será o momento, na última seção, de se analisar o material empírico.

Nosso corpus corresponde aos discursos pronunciados por Luís Inácio Lula da Silva, no dia de sua prisão, em 7 de abril de 2018; e o discurso de lançamento da candidatura de Jair Messias Bolsonaro à presidência da República, em 22 de julho de 2018. Lideranças políticas reconhecidas pelas suas respectivas audiências como “agentes com grande competência interpretativa da realidade concreta” (Messemerberg, 2017, p.626), é fato que ambos dominaram o discurso político, especialmente eleitoral, em 2018<sup>5</sup>. Guiados por esse plano de leitura focado na busca por elementos populistas nos textos, poderemos avaliar, ainda que parcialmente, como o fenômeno populista está emergindo, mais uma vez, no Brasil.

## **1 A LINGUAGEM DO POPULISMO**

A ideia de divisão social como elemento central do populismo está presente tanto nos achados de Mudde, quanto nos de Laclau. Para que essa ideia faça sentido em determinada conjuntura histórica, um líder carismático precisa operar a constituição de uma identidade popular, um “povo”, que deve compreender ou forjar a existência de uma fronteira antagônica na sociedade. Do outro lado dessa fronteira, uma elite ou

---

<sup>5</sup> Apesar de estar preso e incomunicável, inclusive com a imprensa, desde abril de 2018, Lula continua, sem sombra de dúvida, como um grande articulador discursivo no Brasil contemporâneo, seja do ponto de vista de suas audiências quanto das audiências dos adversários.

um *establishment* corrupto é constituído como o “Outro”, como a identidade inimiga, a responsável pelas frustrações do “povo” (LACLAU, 2013; MUDDE, 2017).

Obviamente, a tentativa de se construir politicamente uma divisão ou demarcação social entre o interno e o externo, que se tornou o “problema crucial da política” (LACLAU & MOUFFE, 2015, p.234), não é suficiente para caracterizar um fenômeno como populista. Antes deles, Carl Schmitt (1932) já alertava que a dicotomia amigo/inimigo, a formação de um “nós” contrário a um “eles”, é a própria essência da política. A política seria uma atividade, portanto, essencialmente conflituosa. Portanto, a constituição de qualquer identidade política não prescinde do antagonismo, do estabelecimento de uma fronteira política antagônica. Para Mouffe “toda identidade é relacional. A afirmação de uma diferença é a condição para a existência de qualquer identidade” (2016, p. 28).

Em resumo, na formação das identidades coletivas, a criação de um *nós* só pode existir por meio da demarcação de um *eles*. Para Schmitt, a relação amigo/inimigo tende a ameaçar a existência do outro grupo, porque a identidade inimiga tenderia a ser aniquilada. Mouffe, contudo, ao assumir que as relações de poder são constitutivas das relações sociais e, portanto, integrantes de qualquer articulação política, propõe o conceito do “agonismo”, segundo o qual o inimigo deixa de ser uma identidade a ser aniquilada para se tornar um adversário a ser contestado dentro das regras democráticas que reconhecem a existência do conflito. Portanto, o simples estabelecimento de uma fronteira antagônica não é suficiente para identificar um fenômeno como populista, já que a construção de uma divisão social entre “nós” e “eles” é a própria essência da política. Aliás, o objetivo final da democracia seria, em síntese, o reconhecimento da necessidade e da existência do conflito.

Em contextos de crise, contudo, especialmente quando há incerteza e flutuação social, as comunidades tendem a exagerar as ameaças ao seu bem-estar a fim de estreitarem os laços identitários (HUNTER, 1991, p. 156). O autor ressalta que em tempos de estresse social, as comunidades podem chegar a “fabricar” seus inimigos e ameaças, que servem como uma espécie de projeção da própria “desintegração moral interna” desses grupos (HUNTER, 1991, p. 156). Dessa forma, surgem os bodes expiatórios, identificados como ameaças à estabilidade, moral e segurança dessas comunidades (p.157).

Nesse processo conflitivo de construção identitária, há a necessidade política de articulação de uma categoria discursiva importante: o “povo”. No populismo, o “povo” é entendido como o único ente legítimo a exercer o poder soberano, mesmo porque é a maioria social (MUDDE, 2017). Reside aí a ideia rosseauiana da “vontade geral”, do “povo legislador”, ideal presente em diversas constituições: “todo o poder emana do povo”. A própria definição das características do povo e de quem o constitui representa o que Hunter define como “a luta pelo direito de definir a forma como as coisas são e de que forma deveriam ser” (1991, p.158)<sup>6</sup>, isto é, uma disputa para “determinar quem é o mais forte, qual aliança tem recursos institucionais capazes de sustentar uma definição particular da realidade contra os desejos daqueles que projetam uma visão alternativa de mundo (HUNTER, 1991, p.158)<sup>7</sup>.

O “povo”, para Laclau, é o modo de se constituir a unidade de um grupo social, porquanto ele é o conjunto de relações sociais: é no povo que está a relação real entre agentes sociais. A origem da constituição do povo está no entendimento do conceito de “prática articulatória”, ou discurso. É por meio dessa prática, ou da articulação de discursos, que um acúmulo de demandas democráticas não atendidas pela institucionalidade se torna uma exigência popular por fora da institucionalidade. Primeiro um grupo dirige determinada demanda ao Estado. Se não for atendido, o grupo passa a exigir das instituições alguma providência. Um conjunto de grupos com um acúmulo de demandas populares insatisfeitas é um dos elementos basilares para a constituição do povo como agente político.

O apelo ao povo contra a elite é estrutural no populismo. O povo, a gente simples e virtuosa, as pessoas comuns, ou os “cidadãos de bem”, sempre são colocadas em posição de oposição em relação às elites corrotas, degeneradas ou privilegiadas. O populismo, portanto, é uma tentativa de mudança do *status quo* a partir de uma crítica radical ao *establishment* (Mudde, 2017). Um líder articula uma

---

<sup>6</sup> Apesar de Hunter não citar Bourdieu, reconhecemos aqui os ecos da formulação original do sociólogo francês publicada em 1989, dois anos antes do livro de Hunter, portanto. Nessa formulação, a luta política “assume pois a forma de uma luta pelo poder propriamente simbólico de fazer ver e fazer crer, de predizer e prescrever, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, que é ao mesmo tempo uma luta pelo poder sobre os ‘poderes públicos’ (as administrações do Estado)” (BOURDIEU, 2006 [1989], P.174).

<sup>7</sup> Tradução dos autores para: “... to determine who is stronger, which alliance has the institutional resources capable of sustaining a particular definition of reality against the wishes of those who would project an alternate view of the world”.

miríade de insatisfações populares, que são entendidas como consequências de um *establishment* degenerado, e parte para “acabar com tudo isso que está aí”.

Ademais, no populismo, um líder extraordinário lidera indivíduos ordinários (MUDDE, 2017). O fundamento da legitimidade da autoridade desses líderes perante o povo reside no carisma. Weber (2008, p. 55), ressalta que quando “a autoridade se funda em dons pessoais e extraordinários de um indivíduo” há o carisma, que seria “uma devoção e confiança estritamente pessoais depositadas em alguém que se singulariza por qualidades prodigiosas”. Assim, na relação de dominação carismática reside a dimensão afetiva do fenômeno populista, enquanto prática e discurso. Um laço de lealdade e paixão ata um líder carismático a seu povo, que se sente verdadeiramente representado, devido às qualidades extraordinárias de um líder que, por vezes, ainda é percebido como “gente como a gente”.

Os líderes populistas normalmente se posicionam como pessoas do povo, contra a elite cultural, política ou econômica do país, projetando imagens de virilidade e de anti-intelectualismo. Atualmente, essas disputas estão concentradas, segundo Hunter, em cinco campos institucionais, principalmente: família, educação, mídia, lei e política eleitoral (1991, 173). Não à toa, portanto, são essas instituições que estão sendo postas em discussão, ou, em termos discursivos, estão tendo suas definições desafiadas pelos diferentes grupos sociais.

Além dessas características, Mudde assevera que o populismo é uma ideologia hospedeira. O populismo precisa se hospedar em outras ideologias para ter um conteúdo político mais preciso. Em regra, o fenômeno populista comporta os mais diferentes formatos. Líderes com perfis ideológicos completamente distintos podem ser considerados populistas, basta que as demandas articuladas por eles se aglutinem fora do sistema, a partir do corte feito discursivamente, como ressalta Laclau (RODRIGUÊS, 2018). Como será abordado mais adiante, os exemplos abundam e vão do populismo de esquerda do Podemos na Espanha ao populismo de direita de Trump nos EUA. E por quê? Porque compartilham o exíguo conjunto de ideias e estratégias discursivas presentes no populismo.

Laclau, por sua vez, assevera que o discurso é território de construção da objetividade. O autor trabalha com os conceitos de “significante vazio” e de “hegemonia” para ressaltar que o populismo é a própria forma de constituição do social (LACLAU, 2013) por meio de um discurso de divisão. A demonização de um setor da

população é fundamental para que outros setores se conectem ao redor de um “inimigo comum” e criem uma fronteira antagônica em que a “equivalência” subverte momentaneamente a “diferença”. Diversas demandas distintas (diferença) passam a se tornar equivalentes quando diante de um inimigo comum (equivalência).

Na tensão entre diferença e equivalência, a identidade popular é constituída e se torna hegemônica quando alguma diferença assume a representação de uma totalidade. O processo hegemônico se consubstancia justamente quando um significante particular assume o significado que constitui todas as diferenças. Assim, essa particularidade torna-se um significante vazio: um símbolo impreciso, irredutível aos conteúdos nele inscritos, que unifica o campo popular por expressar e constituir todos os elos da cadeia de equivalências (LACLAU, 2013).

Quando a relação de equivalência se sobrepõe às relações de diferença e essas diversas identidades, agora equivalentes, traçam uma clara uma fronteira antagônica, estabelecendo um adversário social – que é responsabilizado pelo não atendimento dessas demandas populares – a “nova identidade popular” busca ser a totalidade do social, ainda que esteja apenas em um dos lados da fronteira. Ou seja, mesmo sendo um componente parcial, o “povo” aspira ser concebido como única totalidade do social. Nas palavras do autor, “a *plebs* reivindica ser o único *populos* legítimo” (2013, p. 174).

Podemos dizer, portanto, que há diversos elementos na interseção que abarca os conjuntos de ideias referentes à teoria do populismo como ideologia e como discurso. Assim, consideramos que para captar a existência de um discurso populista em determinado pronunciamento político a maioria dos seguintes elementos presentes no quadro abaixo deve ser identificada:

**Quadro 1 – Elementos populistas**

|  |
|--|
| Fronteira antagônica                             |
| Elite corrupta como inimigo social               |
| Pluralidade ideológica ou “Ideologia hospedeira” |
| O povo como ator político                        |
| Equivalência e diferença                         |
| Significante vazio e hegemonia                   |

|                            |
|----------------------------|
| Líder carismático          |
| Radicalização da linguagem |

Fonte: Os autores (2019).

Defendemos, juntamente com os autores citados, que discursos são práticas sociais e não se reproduzem no vácuo. A tendência contemporânea mundial de discursos políticos de divisão social, operados pela esquerda e pela direita, está em análise por vários desses estudiosos, incluindo Mouffe e Mudde. Pela direita, o autoritarismo, a xenofobia e o conservadorismo nos costumes nunca tiveram tanto apelo eleitoral. A esquerda, por seu turno, passa a operar discursivamente um “nós” contra “eles”, denunciando a inédita concentração de poder político e econômico nas mãos das elites do mercado financeiro. Além disso, as singularidades da conjuntura brasileira também são fundamentais para subsidiar a compreensão dos discursos em análise, já que os fenômenos sociais locais não são meras respostas inerciais daquilo que acontece globalmente. Por esse motivo, impende percorrer a conjuntura mundial e, principalmente, local para analisar o fenômeno brasileiro com maior precisão.

## 2 CONTEXTO MUNDIAL E BRASILEIRO NO SÉCULO XXI

A crise econômica mundial de 2008 ensejou uma série de levantes, movimentos ou reações sociais. Nos EUA, por exemplo, epicentro da crise, surgiu um movimento considerado populista de esquerda, o Occupy Wall Street. Apesar de ter perdido força ao longo do tempo, conseguiu emplacar um discurso claro do “nós”, o povo, os 99% da sociedade, contra “eles”, o 1% rentista, concentradores do poder econômico e político. O movimento, contudo, não impediu a ascensão eleitoral de Donald Trump em 2016, uma polêmica e bilionária celebridade que prometeu lutar contra o *establishment* corrupto e contra os acordos comerciais e climáticos, que em sua visão prejudicam a economia dos EUA e, por conseguinte, a geração de empregos para “o povo”. Trump foi bem sucedido em se colocar como um líder articulador de demandas populares, um antissistema, ao se valer de uma retórica como a seguinte: “*A pergunta de amanhã é: quem vocês querem que governe a América, a classe política corrupta ou o povo?*”.



Na Europa, a crise econômica gerou insatisfação popular para com o modo como a União Europeia lidou com o processo, o que culminou, por exemplo, no Brexit da Inglaterra. Na Itália, nas eleições parlamentares de março de 2018, houve uma ascensão histórica das forças antissistema, eurocéticas e de extrema-direita, representadas por partidos como Liga Norte, Irmãos da Itália e o populista Movimento Cinco Estrelas (M5S). Na França, o partido Reassemblement National, também tido como populista, vem progressivamente conquistando apoio popular, com um discurso nativista xenófobo traçando uma fronteira social clara entre legítimo “povo” francês e os “globalistas”, promotores da destruição da fronteira francesa.

Na Turquia e nas Filipinas, um populismo autoritário também vem impondo regressão às instituições democráticas. Edorgan, na Turquia, realizou plebiscitos, instrumento comumente utilizado por líderes populistas, transformando a democracia parlamentar turca em um regime presidencialista onde o presidente pode nomear juízes a mais alta corte e aprovar o Orçamento. Além disso, a perseguição a opositores e à liberdade de imprensa se intensificaram desde a tentativa de golpe militar em 2016. Nas Filipinas, o popular presidente de extrema direita Duterte vem tratando dos problemas das drogas com autoritarismo e repressão. Execuções extrajudiciais de traficantes e usuários já chegam a 12 mil, de acordo com grupos defensores dos direitos humanos. Além disso, o discurso moralista e contra a corrupção já rendem ao líder filipino uma popularidade de 75%, o que também resulta do grande crescimento econômico do país.

Na Hungria, por sua vez, Orban foi reeleito em abril de 2018, com quase 67% dos votos, por meio de um discurso radicalizado contra imigrantes e por uma “democracia iliberal”. O clamor de Orban por valores cristãos, nativistas e contra a imigração legitimou o avanço do poder Executivo sobre a independência de instituições como o Banco Central, o poder Judiciário e a mídia. Nesses países, o nacionalismo passa a constituir um complemento ideológico do discurso populista de divisão social, contra o *establishment* e as elites globalistas. Mouffe (2018), enfatiza que a ascensão de populismos responde a uma crise de hegemonia neoliberal que deteriorou as condições de vida dos trabalhadores por meio de desregulações e de privatizações. Somado a isso, os efeitos da desindustrialização, das inovações tecnológicas e da realocação do capital fizeram com que muitos postos de trabalho fossem destruídos nesses países. Isso gerou precarização, pauperização e

concentração de riquezas, aumentando as desigualdades, a insegurança e o medo em relação ao futuro.

A ascensão de discursos populistas de esquerda e principalmente de direita possuem em comum o questionamento aos ditames da democracia liberal sob a égide do neoliberalismo, embora alguns populistas de direita adotem um receituário econômico ultraliberal. Em um contexto de crise, onde as demandas populares se multiplicam, líderes populistas estabelecem uma fronteira antagônica clara entre “o povo” e a elite corrupta, que é responsabilizada pela crise, como forma de mobilização política.

No Brasil, os efeitos das crises econômicas do início do século XXI se fizeram sentir mais recentemente, principalmente a partir da eclosão de uma severa crise institucional política apontada por analistas e políticos a partir de 2013. Ao analisar o fenômeno de mobilização social que ficou conhecido como “Jornadas de Junho”, ocorrido naquele ano, Marcos Nobre (2013) crê que as jornadas revelam o mais evidente sinal do colapso do *pemedebismo*, porque elas representariam um profundo choque entre uma cultura política contemporânea exigindo mais participação e qualidade democrática e uma cultura política antidemocrática e obsoleta.

O autor atribui ao *pemedebismo*, que não se confunde com o PMDB, apesar da origem do conceito derivar da sigla, a causa do fechamento da política brasileira. O conceito se refere a uma cultura política caracterizada por cinco elementos, quais sejam: o governismo ou ausência de robusta oposição política; a produção de supermaiorias legislativas; um sistema hierarquizado de vetos, em que políticos bloqueiam ou obstaculizam propostas de mudanças da sociedade; a tentativa de os políticos preservarem e aumentarem o espaço conquistado (se valendo de práticas corruptas e clientelistas), mantendo a correlação de forças existentes; e o bloqueio de oponentes ainda nos bastidores, para se evitar a confrontação pública e aberta (NOBRE, 2013).

No ensaio “Choque de Democracia: Razões da Revolta”, Nobre sugere que o *pemedebismo* estaria ameaçado e que a população, aparentemente, havia perfurado a blindagem do sistema. Outros autores, escrevendo sobre o mesmo fenômeno alguns anos depois, são menos otimistas com o que ele teria representado para o

sistema político brasileiro<sup>8</sup>, identificando nas Jornadas de Junho o começo da crise institucional que resultou no impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e na ascensão da extrema direita pós-manifestações. Obviamente, no calor do momento, houve reações do mundo político como resposta à revolta, mas não mudanças substanciais no sistema institucional brasileiro.

Assim, apesar de as jornadas de junho corresponderem, na visão de Nobre, a uma resposta da população ao *peemedebismo*, elas não resultaram em alteração imediata do sistema. Entretanto, foram a senha para a consolidação e o fortalecimento de novos atores políticos no cenário nacional: 1) as corporações do Judiciário, do Ministério Público, da Polícia Federal aumentaram sua expressão dentro do Estado, especialmente a partir da intensificação da Operação Lava-Jato – iniciada em 2009, mas que somente tornou-se famosa a partir das ações realizadas em julho de 2013; 2) atores sociais de extrema-direita, como os movimentos “Brasil Livre” (MBL) “Escola sem Partido”, conseguiram mobilizar extensas parcelas da classe média para as manifestações anti-Copa do Mundo em 2014 e pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2015 e 2016; 3) grupos evangélicos, setores ligados aos órgãos policiais e militares e lideranças expressivas nas redes sociais reorganizaram o Partido Social Liberal (PSL), que se tornou a segunda maior bancada da Câmara dos Deputados a partir das eleições de 2018.

A paralisia política do Executivo nacional enfrentada desde 2014 com a vitória de Dilma Rousseff em um contexto de crise econômica e enfraquecimento agudo da base de apoio do governo no Congresso mergulhou o país em uma crise institucional ainda mais profunda. A partir do impeachment, com o vice-presidente Michel Temer tendo assumido o governo em conjunto com os atores que haviam perdido as eleições de 2014 e estavam na oposição, a produção encolheu, as contas públicas não se equilibraram, o desemprego expandiu-se exponencialmente, e, por consequência, tanto a inflação quanto os juros diminuíram, o que não foi suficiente para a retomada do crescimento, principal expectativa do campo econômico com a retirada de Dilma.

A continuidade da operação Lava Jato, outrossim, consolidou e espalhou o discurso antipolítico e anti-Estado para amplos setores da população, inclusive os mais dependentes do Estado, com a popularização de valores como a meritocracia e

---

<sup>8</sup> Ver Alonso, 2018.

o individualismo mesmo nas periferias<sup>9</sup>. Além disso, foi por meio dessa operação que Luís Inácio Lula da Silva, um dos presidentes mais populares da história do país, foi condenado em segunda instância pelo TRF-4 e preso em 7 de abril de 2018. Assim, na iminência de mais um processo eleitoral, o primeiro lugar das pesquisas de opinião é declarado impedido de concorrer pelo TSE em respeito à Lei da Ficha Limpa, ironicamente sancionada pelo próprio ex-presidente.

Desse modo, a perda de legitimidade dos maiores partidos nacionais, por conta de escândalos de corrupção, a paralisia decisória causada pelas disputas entre Executivo, Legislativo e Judiciário, e a consequente crise econômica, levaram a um espraiamento do discurso anticorrupção, antipolítico e anti-Estado que foi competentemente manejado pelo grupo de extrema-direita apoiador da candidatura do deputado Jair Bolsonaro à presidência da República. O parlamentar, reconhecido desde o final dos anos 90 por seu extremismo e capacidade de criação de polêmicas, articula um uso estratégico das redes sociais<sup>10</sup> para dar vazão a uma corrente de opinião identificada com diversos valores de extrema direita, como o militarismo, o conservadorismo moral e o ultra liberalismo econômico.

E assim chegamos à vitória de Jair Bolsonaro para a Presidência da República, em outubro de 2018.

### 3 O DISCURSO POPULISTA

A partir do contexto social descrito acima, e tendo em vista a conceituação teórica apresentada no item 1, passamos à identificação textual de “elementos populistas”, conforme apontados no Quadro 1, nos dois trechos de pronunciamentos selecionados para esta análise.

#### 3.1 O DISCURSO DE LULA NO DIA DE SUA PRISÃO<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Ver o estudo **Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo** da Fundação Perseu Abramo. Disponível em <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/percepcoes-e-valores-politicos-nas-periferias-de-sao-paulo/>. Acessado em 15 de fev. 2019.

<sup>10</sup> Messemberg (2017) destaca que as redes sociais são um importante lócus para identificação dos campos semânticos envolvidos nos discursos políticos contemporâneos. Hunter, que escreve em 1991, focava o trabalho da comunicação política pelos meios massivos. Acreditamos, contudo, que sua análise das malas diretas enviadas pelos partidos aos seus correligionários durante as décadas de 70 e 80 do século XX nos Estados Unidos tenha sido um processo bastante similar com o uso das redes sociais nas últimas eleições norte-americanas e brasileiras.

<sup>11</sup> A íntegra do discurso está disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/leia-a-integra-do-discurso-do-ex-presidente-lula-antes-de-se-entregar-a-pf.shtml>. Acesso em: 10 de mar. 2019.

No discurso realizado em 7 de abril de 2018, dia em que foi preso depois de condenado judicialmente por acusações de corrupção, o objetivo de Lula é buscar sua absolvição perante o “povo”. Em diversas ocasiões o pronome *eles* é utilizado para se referir tão somente aos agentes públicos da operação Lava Jato e à imprensa: *“Pois bem, eu acho que tanto o TFR-4 quanto o Moro, a Lava Jato e a Globo, eles têm um sonho de consumo. O sonho de consumo é que, primeiro, o golpe não terminou com a Dilma. O golpe só vai concluir quando eles conseguirem convencer que o Lula não possa ser candidato a presidente da República em 2018... Eles não querem o Lula”*.

Percebe-se que, ainda que o antagonista do discurso esteja diretamente relacionado à sua situação processual particular, ao se valer da palavra “golpe”, o ex-presidente desenha uma clara fronteira social antagônica: de um lado *eles*, os que apoiaram o impeachment de Dilma, do outro, *nós*, aqueles que apoiam a democracia, visto que não querem modificar suas regras por meio de imposições de força – o que constitui os golpes, conceitualmente falando. Assim, podemos supor que os “golpistas”, além da Lava Jato e da mídia, são todos os que patrocinaram e foram às ruas nas manifestações contra Dilma, ou seja, a elite financeira e as classes médias, conforme atestam pesquisas realizadas durante os atos<sup>12</sup>.

E quem seriam o “*nós*” do discurso de Lula? Como o presidente articula uma série de diferentes demandas populares em torno de seu nome? Como identificar os elementos “equivalência” e “diferença” constantes do Quadro 1? Nesse trecho, Lula nomeia e articula diversas identidades (“diferenças”) que fazem parte de sua cadeia de equivalências, e também da audiência de seu discurso: *“O problema desse país chama-se vocês, a consciência do povo, o Partido dos Trabalhadores, o PCdoB, o MST, o MTST. Eles sabem que tem muita gente”*.

O significante vazio, por seu turno, seria o significante hegemônico, a particularidade que encarna a completude: *“Eu sou uma ideia. Uma ideia misturada com a ideia de vocês... vocês vão virar Lula e vão andar por esse país”*. Mais adiante, diversas identidades serão mobilizadas em torno no significante *Lula*: do movimento LGBTQI (*“porque agora eu beijo homem e mulher igualzinho”*), ao movimento feminista (*“Porque o homem pensa que só ele é esperto, mas as mulheres também*

---

<sup>12</sup> BACHTOLD, Felipe. **Protesto cresce, mas manifestantes mantém perfil de alta renda**. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/03/1749640-protesto-cresce-mas-manifestante-mantem-perfil-de-alta-renda.shtml>. Acessado em 05 de jan. 2019. Ver ainda Gallego et al., 2017.

são *espertas*”), passando pelos sindicatos (*CUT, Metalúrgicos*), partidos (*PT, PSol e PCdoB*), movimentos sociais (*MST, MTST*) e comunidade acadêmica (*universidades*). Essas identidades (“diferença”) se equivalem (“equivalência”) quando se deparam com um inimigo comum, a elite, representada aqui por *eles*, isto é, aqueles que cometem a injustiça de condenar um líder popular supostamente inocente: “*vocês vão perceber que eu sairei dessa maior, mais forte, mais verdadeiro e inocente porque eu quero provar que eles é que cometeram o crime. Um crime político, de perseguir um homem que tem 50 anos de história política.*”.

Lula retoma o antagonismo povo X elite quando critica as corporações do Estado: “*Para que a gente não tenha juiz e procurador só da elite*”. E também salienta que sua condenação é uma forma de condenar o povo: “*E a prioridade desse país é garantir que esse país volte a ter cidadania*”. Ou seja, sem Lula não haveria cidadania. Mais uma vez, o significante Lula se consolida como tendente a ser vazio por exprimir uma pluralidade de correntes inscritas nas relações de equivalência e, ao mesmo tempo, impossibilitar uma apreensão uniforme do seu significado por parte de cada das diferentes identidades articuladas. Afinal, Lula é o ex-presidente que também foi um líder sindical, mas que não fala apenas em nome dos trabalhadores sindicalizados, e sim de todo o povo, principalmente dos mais pobres: “*Aqueles que, na verdade, precisam do estado*”. O processo de formação de uma identidade popular se consubstancia quando o significante vazio se hegemoniza por todos os elos da cadeia de equivalências: como vimos, Lula busca representar as mais diversas demandas populares.

O “nome”, investido afetivamente, deve expressar a unidade e se converter no fundamento do populismo, porque a função de homogeneizar a heterogeneidade das demandas, que é exercida pelo significante vazio (LACLAU, 2013), constitui a cadeia e, ao mesmo tempo, a representa: “*meu coração baterá pelo coração de vocês e são milhões de corações... todos vocês, daqui pra frente, vão virar Lula e vão andar por esse país*”. Aqui, é possível identificar a relação carismática do líder para com as massas (mais um elemento populista presente no quadro 1), comprovada pelos índices de popularidade alcançados por Lula enquanto presidente da República e que ele busca reforçar e relembrar ao longo do discurso: “*mas eu quero que vocês saibam que se tem uma coisa que eu aprendi a gostar neste mundo é da minha relação com o povo*”. Nota-se, outrossim, que significante vazio opera como um ponto de

identificação para todos os elos da cadeia, mesmo porque o “povo” é constituído de diversas identidades: *“E o que eles não se dão conta é que quanto mais eles me atacam, mais cresce a **minha relação com o povo brasileiro**”*.

Grosso modo, o discurso emite a ideia de que a mídia e as corporações da operação Lava Jato são responsáveis por sua injusta condenação e, conseqüentemente, seu impedimento de ser candidato. Ainda assim, mesmo apresentando esse foco conjuntural inicial, o *eles* de Lula vai além das corporações e da mídia. Depreende-se que a condenação não tem base em provas, mas em um ressentimento generalizado da elite brasileira contra o povo, composto essencialmente pelos mais pobres: *“E se for por esses crimes, de colocar pobre na universidade, negro na universidade, pobre comer carne, pobre comprar carro, pobre viajar de avião, pobre fazer sua pequena agricultura, ser microempreendedor, ter sua casa própria, se esse é o crime que eu cometi, eu quero dizer eu vou continuar sendo criminoso nesse país porque vou fazer muito mais”*.

Assim, Lula deixa entrever que o ódio de classe da elite a é o responsável por sua prisão política: *“Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já estão pairando no ar e não tem como prendê-las”*. A ideologia que parece hospedar o populismo de Lula é de esquerda, conforme a definição de Bobbio, visto que busca a inserção da massa, principalmente pelo consumo (*carro, avião, casa própria*), a preservação dos interesses dos trabalhadores e a identificação com as classes inferiores da sociedade. Ressalta-se, porém, que, quando no governo, ao mesmo tempo em que atendeu diversas demandas populares, Lula também assistiu às elites, que nunca foram colocadas como inimigas do lulismo, a não ser discursivamente e em determinados períodos<sup>13</sup>. Portanto, para uniformizar diversas identidades populares contra um inimigo social que é o seu inimigo pessoal, Lula estabelece uma fronteira antagônica bastante específica nesse discurso.

Ao longo de seus governos, Lula foi diversas vezes acusado de estimular o discurso do *nós* contra *eles*, especialmente porque o discurso de seu partido, o PT, foi calcado na construção e na manutenção de uma identidade partidária que deixava bastante claro seu posicionamento no conflito democrático. Essa posição de

---

<sup>13</sup> Contradições discursivas, mais precisamente, análise retórica de discursos sob a perspectiva da figura do oxímoro, são o objeto de um recente artigo de Idelber Avelar sobre as eleições de 2018, **O oxímoro lulista e a implosão eleitoral da esquerda**, Revista Insight Inteligência, p. 164, 2018.

diferenciação, especialmente de classe, do PT, foi bastante clara até o partido chegar ao governo. Obviamente, na prática governamental torna-se difícil afirmar que Lula tenha sido um líder populista. Isso porque seu governo procurou atender aos mais diversos interesses sociais, não atacou quaisquer privilégios das elites, que tiveram muitos benefícios em sua gestão. Ao mesmo tempo, obteve sucesso em incluir os mais pobres na economia de consumo com medida pontuais e sem realizar qualquer reforma social robusta. Lula não traçou uma clara fronteira antagônica social, tampouco encarou a elite como um ente homogêneo, ou inimigo do povo, enquanto governou.

Em nenhum momento dos governos de Lula os preceitos da democracia liberal foram ameaçados por uma “tirania da maioria”, por meio de instrumentos plebiscitários típicos de práticas políticas populistas, ou por uma tentativa de homogeneização completa das diferenças. Ainda que o discurso apontasse para a construção da identidade nacional a partir de uma hegemonia das ideias da esquerda, Lula elegeu-se em 2002 ao se colocar como “Lulinha paz e amor”, um homem do povo que redigiu uma “carta aos brasileiros”, para o mercado. Ou seja, ao invés de apostar no antagonismo típico das soluções populistas, a estratégia de Lula foi a de se apresentar como o negociador privilegiado entre os diferentes setores sociais. A opção de negociar com as elites como um líder de esquerda moderado, ao invés de mobilizar o povo contra elas como seria de se esperar de um populista de esquerda, foi a preferida por Lula (PIÑEIRO et al., 2016). E com essa estratégia moderada, encerraria seu segundo governo em 2010 com um recorde de 87% de popularidade, segundo o Ibope<sup>14</sup>.

Contudo, neste discurso que analisamos, transmitido ao vivo para todo o Brasil, e não apenas para os apoiadores, Lula vocaliza uma espécie de programa político radicalizado, sinalizando para uma polarização que já se consolidava no país desde as Jornadas de Junho: “*Vamos fazer uma nova Constituinte, vamos revogar a lei do petróleo que eles estão fazendo. Não vamos deixar vender o BNDES, não vamos deixar vender a Caixa Econômica, não vamos deixar destruir o Banco do Brasil, e vamos fortalecer a agricultura familiar que é responsável por 70% do alimento que*

---

<sup>14</sup> BONIN, Robson. **Popularidade de Lula bate recorde e chega a 87%, diz Ibope.** <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html>. Acesso em 16 de jan. 2019.



*comemos nesse país*”. Acuado pela condenação e sem perspectivas de se manter como um player no jogo eleitoral, Lula recorre aos movimentos sociais e pede a eles uma atuação social mais firme: *“Vamos fazer definitivamente uma regulação dos meios de comunicação para que o povo não seja vítima das mentiras todo santo dia. Eles têm que saber, que vocês, quem sabe, são até mais inteligentes do que eu, e poderão queimar os pneus que tanto queima, fazer as passeatas que tanto vocês [inaudível], fazer as ocupações no campo e na cidade... Parecia difícil a ocupação de São Bernardo e amanhã vocês vão receber a notícia de que ganharam o terreno que vocês invadiram.”*

Nesse contexto, é possível sugerir que a linguagem radicalizada de Lula sinaliza para uma prática discursiva de divisão social, recorrendo à mobilização popular como uma forma de pressão sobre as elites opositoras. Assim, líderes carismáticos que não enxergam mais na política ou na sociedade a possibilidade de construção de amplos consensos que lhes favoreçam, passam a estimular a divisão e o antagonismo, até por uma questão de pragmatismo eleitoral. O populismo é justamente uma tentativa de formação de maioria social baseado em um discurso radicalizado de divisão entre o *nós* legítimo e o *eles* degenerado, por meio do estabelecimento de uma fronteira social antagônica, que objetiva mobilizar um povo contra uma elite.

### **3.2 O DISCURSO DE LANÇAMENTO DA CANDIDATURA DE BOLSONARO<sup>15</sup>**

Bolsonaro chegou ao poder encarnando o político antissistêmico, que não se conforma às regras do campo político, e essa identidade é apresentada logo no início de seu discurso: *“se vocês estão aqui, é porque acreditam no Brasil. Não temos um grande partido, não temos fundo eleitoral, não temos tempo de televisão, mas temos o que os outros não têm: que são vocês, o povo brasileiro... eu sei o desconforto que venho causando. Sozinho, com alguns poucos políticos ao meu lado e amigos, naquilo que se chama de establishing (sic), ou máquina, ou sistema. Sabemos disso: eu sou o patinho feio nessa história”*.

---

<sup>15</sup> **BOLSONARO**. DISCURSO DE JAIR BOLSONARO E JANAÍNA PASCHOAL NA CONVENÇÃO NACIONAL DO PSL. <https://www.youtube.com/watch?v=H745tHQhWb0&t=2s>. Acesso em 17 de jan. 2019.

Na operação para descolar sua imagem da política tradicional, Bolsonaro se coloca como um “outsider”. Ele dirime essa conspícua contradição com o argumento de que foi justamente por sua honestidade, que nunca fez parte do establishment tradicionalmente corrupto da política nacional. Porém, como na fábula, instrumentaliza seu aparente “defeito”, ou feiura, a seu favor, o que o permitirá enfrentar o sistema e articular um discurso de mudança caro ao populismo: *“nós temos como fazer esse Brasil grande. Para fazê-lo, para que esse time seja campeão, o seu técnico, o seu chefe, o seu comandante, o seu presidente da República não pode estar devendo nada a partidos políticos nenhum”*.

E como o líder constrói a identidade do inimigo? No discurso em análise, pronunciado em 22 de julho de 2018, para reforçar sua identidade “contra tudo o que está aí”, Bolsonaro estabelece dois alvos principais: a corrupção e a ideologia. Ambas características funcionam como homogeneizadoras dos adversários e diferenciais entre “nós” e “eles”, os segundos corruptos e ideológicos, portanto. A corrupção resume todo o sistema, independente do espectro ideológico, enquanto a ideologia é representada pelo extremo oposto, isto é, pelas esquerdas: *“de um lado está a linha esquerda, de outro tá um centrão. Até quero agradecer (sic) Geraldo Alckmin, por ter juntado a nata do que há de pior no Brasil a seu lado... eu costumo dizer que algo tão ou mais grave que a corrupção é a questão ideológica que tomou parte, que tomou conta de grande parte do Brasil... uma pátria maravilhosa que o PT tentou nos dividir”*. Interessante nessa última frase a estratégia recorrente mobilizada por vários atores políticos contra o PT: ao partido é imputada a pecha de “conflitivo” ou “populista”, visto que estaria sempre tentando criar uma “divisão” dentro da harmônica sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, a divisão proposta pelos demais, que consiste exatamente em nomear o PT como inimigo número UM do povo, é maquiada como a busca pelo consenso ou pela unidade nacional. Uma típica estratégia populista, como se pode perceber a partir da bibliografia mobilizada acima.

Em outro momento, ao relatar como entrou nas forças armadas, Bolsonaro exalta sua educação do período militar a fim de comprovar sua “falta de ideologia”: *“com o ensino daquela época com muita responsabilidade e sem ideologia de gênero e sem doutrinação fui aprovado”*. Continuando a fustigar a “ideologia”, o candidato cita, de cabeça, editorial de O Globo escrito por Roberto Marinho em 7 de outubro de 1984: *“Participamos da revolução de 1964 identificados com os anseios nacionais de*

*preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, distúrbios sociais e corrupção generalizada. Fecha aspas. Qual a diferença daquela época para hoje? Eu acho que hoje até está mais grave".* Em outro momento, Bolsonaro especifica a identidade da ideologia que busca combater: *"esse Brasil é nosso, a nossa bandeira é verde e amarela. Nós não aceitamos o comunismo"*.

A primeira fronteira forjada por Bolsonaro é eminentemente política: "eles", nesse caso, são os políticos do sistema corrupto, os partidos, o establishment em geral, os políticos de esquerda e o PT em particular. Além disso, com a "questão ideológica", Bolsonaro traça uma fronteira antagônica moral que consiste em contrariar qualquer possibilidade de reconhecimento das diferenças sociais identitárias que são caras à esquerda: classe, gênero, raça, região, etc. "Eles" passam a ser as pessoas que possuem ideologias contrárias aos valores da família tradicional e que, em alguma medida, reconhecem que as identidades sociais possuem especificidades e, portanto, merecem tratamento político específico se a igualdade é um valor a ser assegurado. Ao contrário, a manutenção das desigualdades "naturais" vistas sempre individualmente está de acordo com a visão da direita, segundo Bobbio, para quem o individualismo e a intolerância à diversidade étnica, cultural e sexual são ingredientes importantes.

Na visão defendida por Bolsonaro, a "ideologia" – sempre identificada com o pensamento contrário ao seu – impede a união do "povo" do Brasil. *"Vamos unir brancos e negros, homos e héteros, e o trans também, não tem problema. Cada um faz o que bem entender, seja feliz. Vamos unir nordestinos e sulistas. Vamos abafar esses pequenos movimentos separatistas que vemos pelo Brasil. Unir ricos e pobres. Passou a ser crime no Brasil ser rico? Vamos unir patrões e empregados, não semear a discórdia entre eles"*. Conforme observamos acima, uma das principais características do populismo é a divisão social. Ora, mas se Bolsonaro fala em unir a sociedade, por que seria populista?

A fronteira que Bolsonaro estabelece, além de política, é moral. Nesse caso, o inimigo não é um adversário político legítimo a ser combatido por meio das eleições, conforme preconiza Mouffe para os regimes democráticos, mas uma identidade política que deve ser exterminada, como os comunistas ou os "petralhas", visto que ameaça o suposto consenso obtido politicamente pela maioria. Nesse sentido, Bolsonaro revive no discurso sua primeira experiência cívica: *"eu conheci o exército*

*brasileiro numa de suas operações no Vale do Ribeira... caçando integrantes da VPR-Vanguarda Popular Revolucionária*". Assim, podemos extrair que os ativistas dos movimentos sociais, intelectuais de esquerda, artistas que contestam os "valores da família", políticos de esquerda, minorias que lutam por igualdade, trabalhadores que fazem greve, entre outras categorias sociais, poderiam todos serem rotulados de comunistas ou de petistas e, portanto, passíveis de extermínio.

Portanto, o Brasil está cindido entre "Nós", os cidadãos de bem, cristãos, que respeitam os valores da "família brasileira", que praticam suas intimidades em "*ambiente propício para tal*", que não contestam a ordem estabelecida de um lado, tampouco questionam o consenso obtido pela maioria, e "eles", os "comunistas", "*dos pequenos movimentos separatistas que vemos pelo Brasil*", de outro. Nesse raciocínio antagonista, típico do populismo, não há espaço para as diferenças políticas, visto que os diferentes são "inimigos" a serem exterminados. A manutenção do conflito nos moldes democráticos pressupõe, como ressalta Mouffe, que seja possível aos adversários políticos a convivência pacífica. O capitão, por sua vez, parece desconsiderar valores essencialmente democráticos como o pluralismo social, moral e o pluralismo político, representados por ativistas, movimentos sociais, intelectuais e políticos de esquerda, que ameaçam a ordem pela "*radicalização ideológica*". Em sua visão, a diferença do período da ditadura para hoje é que "*hoje até está mais grave*".

Tanto o militarismo quanto o neoliberalismo compõem o arsenal de ideologias hospedeiras do populismo do presidente (bastante identificado com o conceito bobiano de direita): "*Há uma diferença enorme de um quartel para o meio político. No quartel, você tem companheirismo, patriotismo, disciplina e hierarquia, amor à pátria. Na política, não*". Aqui o capitão lamenta que os valores do mundo da política democrática sejam tão diferentes dos valores dos quartéis, porque fundados na explicitação do conflito social e na tentativa de negociação entre os diferentes. Uma visão totalitarista transparece neste trecho, pois as diferenças parecem incomodar ao ponto de não serem toleradas e uma visão da vida social como uma totalidade na qual todos os campos deveriam ser regidos pelos mesmos valores, portanto, fica clara.

Ademais, o veterano parlamentar se mostra tão inconformado com os valores e com os impasses típicos da política democrática que chega a confessar: "*há 20 anos eu disse que gostaria de fechar o Congresso. Momento de indignação, de revolta, que*

*todos nós passamos. E eu sou um ser humano que é exatamente igual a todos vocês: têm uma alma, tem um coração*". Neste trecho uma característica tão presente na legitimação carismática do povo para com o líder é ressaltada, porquanto mesmo possuindo dons extraordinários perante o olhar do povo, os líderes ainda são "gente como a gente", têm "*alma e coração*".

O militarismo inscrito no discurso do capitão busca mobilizar dois discursos específicos: o discurso anticorrupção e o discurso da negação da política. Assim, exalta os valores de hierarquia, obediência e, ao mesmo tempo, diz que: "*o entrave é o parlamento. Eu ousou dizer que grande parte dos parlamentares querem agir de maneira diferente do que age os líderes partidários que, na verdade, são líderes sindicais. Vamos tirar o sindicato de dentro do Congresso Nacional*". Ao longo de todo o discurso, o capitão associa a política parlamentar à corrupção e os valores do exército à honestidade e retidão. Portanto, a demanda anticorrupção não será atendida por meio de propostas legislativas práticas discutidas amplamente pelos representantes políticos que formam o Legislativo, mas por meio de uma seleção de valores retirados das forças armadas que deveriam ser transplantados para a política. A obediência e a hierarquia, obviamente, sendo valores exaltados nessas condições, contrapõem-se exatamente ao questionamento e ao debate democrático das regras. Aqueles que ousam desobedecer aos líderes são "sindicalistas", isto é, querem deixar o conflito explícito e, por isso, não são considerados interlocutores legítimos.

Nesse sentido, as demandas legítimas de boa parte da população por segurança pública são discursivamente resolvidas por meio dos valores militaristas. Uma vez que a causa maior da violência que acomete a sociedade brasileira parece ser o estabelecimento do conflito aberto pelos inimigos políticos, os comunistas, a solução passa pelo fortalecimento das hierarquias militares em todos os campos sociais. "*Meus amigos, meus irmãos policiais militares, policiais civis, bombeiros militares, policiais federais, rodoviários federais, agentes penitenciários: mais que um sonho, isso sim é uma obsessão: é conseguir a retaguarda jurídica para que vocês possam muito bem cumprir a sua missão. Meus irmãos da Marinha, do Exército e da Aeronáutica vocês serão reconhecidos do meu governo. Vocês são atacados diuturnamente. São acusados dos maiores absurdos por essa esquerda que está aí. Sabem por quê? Porque **vocês são o último obstáculo para o socialismo***". No entendimento do então candidato – agora presidente do Brasil – o agente de

segurança cumpre sua missão quando está liberado para matar em serviço sem ser constrangido a responder processo para comprovar o estrito cumprimento de seu dever funcional ou legítima defesa.

Os valores militaristas do capitão ficam ainda mais evidentes quando, mais uma vez, retoma o discurso dos anos de chumbo no Brasil para dizer que os militares das forças armadas “são o último obstáculo para o socialismo”. O próprio slogan de sua campanha, que relembra lemas dos anos ditatoriais, revela o quão internalizado está o militarismo em seu discurso: “*Brasil acima de todos, Deus acima tudo*”. Essa visão de que o Brasil está em guerra social dialoga com a sensação generalizada de insegurança de uma sociedade que sofre com mais de 60 mil homicídios por ano. Assim, além do apelo à violência, como forma de prover segurança pública, todo o discurso do presidente está permeado por ideias militaristas de “resgate” do Brasil – provavelmente, o Brasil de antes do reconhecimento dos conflitos sociais e da diversidade da população – e de patriotismo: “*o Brasil precisa eleger no corrente ano um homem ou uma mulher que seja honesto, que tem Deus no coração e que seja patriota*”.

Bolsonaro, outrossim, foi incorporando um discurso liberal na economia a partir do espraiamento do discurso anticorrupção, após os espetáculos midiáticos promovidos pelas investigações da operação Lava Jato. Quando oficialmente se lançou candidato, já era objeto de elevada admiração no mercado financeiro e nos setores mais ricos e escolarizados da população. Assim retribui o carinho: “*Queremos, prezado economista Paulo Guedes, buscar realmente a liberação da nossa economia. Buscar o liberalismo. Queremos sim mais que privatizar, quem sabe até extinguir a maioria das estatais*”. Nesse trecho, os valores do individualismo, da supremacia da propriedade privada e da livre iniciativa, tão caros à direita segundo Bobbio, aparecem com clareza. Paulo Guedes foi o primeiro ministro a ser anunciado por Bolsonaro, e foi alçado à categoria de “guru governamental” para assuntos econômicos. Banqueiro ultraliberal, PhD em economia pela Universidade de Chicago, Guedes possui como principal plataforma a venda do máximo de ativos estatais possíveis para amortizar a dívida pública, e assim diminuir os gastos do Estado. O mercado, além de gostar da ideia de comprar estatais na bacia das almas, é muito afeto ao dogma de que o Estado deve ser mínimo.

O populismo militarista e neoliberal de Bolsonaro apresenta respostas concretas às demandas sociais que sempre se avolumam em períodos de crise econômica e política. Bolsonaro busca fazer de seu nome um significante vazio a ser preenchido pelas diferentes demandas que articula. Para a crise ética, o capitão oferece sua trajetória identificada com a honestidade. Em relação à economia, reaproveita o diagnóstico ortodoxo de que a reativação do crescimento brasileiro será feita por meio de privatização e desregulamentação da economia, num viés neoliberal. Além disso, o tema da segurança pública e da ordem, amplamente popular, também foi sendo diagnosticado como falta de pulso das autoridades e de leis mais rigorosas, além de ser causado pelo discurso ideológico dos inimigos da esquerda. O símbolo mais popular da campanha do capitão, o gesto de arma com as mãos, revela a priorização do uso da força para resolução dos conflitos, especialmente aqueles promovidos pelos inimigos políticos, e para manutenção da segurança de “nós” contra “eles”<sup>16</sup>.

Destarte, a hegemonia discursiva e eleitoral conquistada por Bolsonaro em 2018 se deu por essa capacidade em tornar seu próprio nome um significante vazio. O significante “Bolsonaro” passou representar os elos de demandas sociais insatisfeitas, da segurança pública ao fim da corrupção, passando pelo conservadorismo moral e pelo liberalismo econômico, se apresentando como solução da crise política das instituições do Estado: “..é nesses momentos de desequilíbrio, incerteza ou de conflito que estão cronologicamente situados os apelos mais veementes à intervenção do herói salvador” (GIRARDET, 1987, p. 89). Bolsonaro, portanto, está formando um “povo” em permanente mobilização virtual, que é apenas uma das partes da fronteira antagônica estabelecida contra o “sistema” e contra as “ideologias”, mas que busca ser a totalidade do social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Brasil sai das eleições de 2018 com uma polarização política e social que talvez só encontre paralelo na agitação social da véspera do golpe de 1964. Não é um fenômeno específico do país, haja vista o clima de “guerra cultural” que também é dominante no cenário político norte-americano desde os anos 80 do século passado,

---

<sup>16</sup> Em campanha pelo Acre, no dia 02 de setembro de 2018, Bolsonaro, em cima de um trio elétrico, disse para apoiadores: “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre”.

como ressalta Hunter. Analistas mais recentes (RODRIGUÊS, 2018) também identificam nos Estados Unidos, e em países como Reino Unido, França e Alemanha as condições para a emergência dos conflitos e da polarização entre populistas de esquerda e de direita como uma dinâmica contemporânea de construção política.

Se as redes sociais colaboram para esse cenário polarizado, como parecem indicar várias pesquisas, e o Facebook desponta como a rede social mais populista (ENGESSER et al., 2016; ERNST et al., 2017), é preciso perceber que os atores dos pontos mais extremos do espectro são mais afeitos ao emprego dessas estratégias. Desse modo, não espanta que a radicalização do discurso em direção ao populismo seja a tônica do discurso político contemporâneo, especialmente em situações eleitorais dicotômicas, como a vivida recentemente no Brasil.

De um lado, o ex-presidente Lula, mesmo preso, buscou manter a hegemonia do PT na esquerda, articulando em torno de seu nome as demandas populares dos movimentos sociais e dos partidos à esquerda, com um discurso progressivamente radicalizado, pregando o controle da mídia e uma nova Assembleia Constituinte, por exemplo. De outro, a personificação do antipetismo, um militar de extrema direita que acaba de se tornar presidente da República, com um discurso de divisão social, militarista e neoliberal, que remete à ditadura militar. O capitão articula demandas de amplos setores sociais, dos mais opulentos (neoliberalismo) aos mais pobres (segurança pública e conservadorismo). Mobiliza, portanto, os mesmos três campos semânticos articulados nas redes sociais por atores políticos da direita brasileira encontrados por Messenberg (2017, p.633): antipetismo, conservadorismo moral e princípios neoliberais.

Nos dois pronunciamentos analisados buscamos identificar “elementos populistas” que pudessem caracterizar neles a presença de um discurso populista. Se comparados, é possível concluir que há diferentes intensidades de populismo em cada texto, sendo o pronunciamento de Bolsonaro um exemplo mais acabado de discurso populista, o que está de acordo com o fato de que ele está mais ao extremo do espectro político do que Lula.

Nesse ambiente, o centro político se debilita e a linguagem progressivamente se torna mais radicalizada. São líderes buscando a maioria social por meio de discursos efetivamente mobilizadores, forjando um “povo legítimo” para enfrentar o “Outro”, o inimigo do “povo”, em um contexto de multiplicação de insatisfações sociais.



O ano de 2018, portanto, que inicia com a prisão de Lula e termina com a vitória eleitoral de Bolsonaro, sugere que o populismo, pelo menos discursivamente, é um fenômeno em ascensão no Brasil.

## Referências

ALONSO, Angela. “A política das ruas: protestos em São Paulo”. Conferência apresentada no III Colóquio “Pensar as direitas na América Latina”, Universidade Federal de Minas Gerais, 24 de agosto 2018.

BOUDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 9ª ed.

ENGESSER, Sven; ERNST, Nicole; ESSER, Frank; BÜCHEL, Florin. Populism and social media: how politicians spread a fragmented ideology. *Information, Communication & Society*, 2016. P.1-18.

ERNST, Nicole; ENGESSER, Sven; BÜCHEL, Florin; BLASSNIG, Sina; ESSER, Frank. Extreme parties and populism: an analysis of Facebook and Twitter across six countries, *Information, Communication & Society*, 2017. P. 1-18.

GALLEGO, Ester Solano; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à Operação Lava Jato e contra a Reforma da Previdência. *Opinião Pública e Conjuntura Política*. 2017 em Debate. Dossiê “Crise Política no Brasil: qual a saída?”. Ano 9, nº 2, agosto 2017.

GIRARDET, Raul. Mitos e mitologias políticas. São Paulo, Companhia das Letras, 1987

HUNTER, James Davison. Culture Wars. The struggle to define America. New York: Basic Books, 1991.

LACLAU, Ernesto. A razão populista. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonia e estratégia socialista. Por uma política democrática radical. São Paulo: Intemeios: Brasília: CNPq, 2015.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*. V.32, nº 3, setembro/dezembro 2017. P.621- 647.

MOUFFE, Chantal. Sobre o político. São Paulo: WMF Martins fontes, 2015.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. Populism: A very short introduction. Oxford University Press, 2017.

NOBRE, Marcos. Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma. Editora Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. Choque de democracia: razões da revolta. Editora Companhia das Letras, 2013.

REIS, Daniel Aarão. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. Jorge Ferreira. O Populismo e a sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

RODRIGUÉS, Theófilo Machado. Populismo de Esquerda versus Populismo de Direito no Início do Século XXI: o Conflito Político nos EUA, Inglaterra, França e Alemanha. *Revista Estudos Políticos: a publicação semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF)*. Rio de Janeiro, Vol. 9. N.1, p. 70-85, julho de 2018. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>

WEBER, Max. Ciência e política: duas vocações. Editora Cultrix, 2004.